



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA
NATUREZA**

OTAVIO KOLCHESKI

**O IMPACTO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE ITÁ NO FECHAMENTO DA
ESCOLA DO CAMPO DO MUNICÍPIO DE ARATIBA**

ERECHIM

2019

OTAVIO KOLCHESKI

**O IMPACTO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE ITÁ NO FECHAMENTO DA
ESCOLA DO CAMPO DO MUNICÍPIO DE ARATIBA**

Trabalho de Conclusão Curso de graduação
apresentado à Universidade Federal da Fronteira
Sul – Campus de Erechim, como requisito parcial
para obtenção do Título de Licenciado em
Educação do Campo – Ciências da Natureza.

Orientadora Prof.^a: Solange Toderer Von Onçay

ERECHIM

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Kolcheski, Otávio

O impacto da construção da barragem de Itá no fechamento da escola do campo do município de Aratiba / Otávio Kolcheski. -- 2019.

46 f.:il.

Orientadora: Mestra Solange Todero Von Onçay.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da
Natureza-Licenciatura, Erechim, RS, 2019.

1. Educação do e no campo. 2. Escola do Campo. 3. Movimento de Atingidos por Barragens. 4. Populações atingidas por barragens. 5. Barragem de Itá. I. Onçay, Solange Todero Von, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

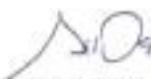
OTAVIO KOLCHESKI

O IMPACTO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE ITÁ NO FECHAMENTO DA ESCOLA DO CAMPO DO MUNICÍPIO DE ARATIBA.

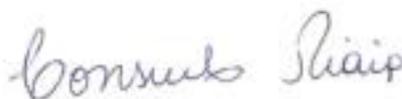
Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciado no Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 08 de janeiro de 2019.

Banca examinadora:


SOLANGÉ TODERO VON ONÇAY


MATHEUS FERNANDO MOHR


CONSUELO CRISTINE PIAIA

Agradecimentos

Agradecer pelo dom da vida, pelo amor das pessoas, sem ela nada seria possível. Agradeço meus pais Casemiro (em Memória) e Clementina meus maiores exemplos e a meus Irmãos. Obrigada por cada incentivo e pelo apoio em meu favor.

Aos meus filhos, Mateus Antônio e Taís Fátima, amor inexplicável, vida que me completou e ensinou o verdadeiro sentido de viver, de amar, de querer bem. Obrigada por permitir com toda essa delicadeza que papai se ausentar tantas e tantas vezes. Foram tantas histórias não contadas, tantas brincadeiras não aproveitadas. É por vocês todo o sacrifício, obrigada por fazer de mim uma pessoa melhor.

À minhas colegas de trabalho, em especial Grasielle, Laís e Mariana pela força, ajuda, paciência, e a coragem apoiando nos momentos de dificuldades, obrigada por contribuir com tantos ensinamentos, tantas palavras de força e ajuda.

À minha orientadora Solange Todero Von Oncay, que com muita paciência e atenção, dedicou do seu valioso tempo para me orientar em cada passo desse trabalho. Obrigado por ouvir pacientemente as minhas considerações partilhando comigo suas, ideias, conhecimentos e experiências e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional lhe agradecendo de coração.

À todos os professores que contribuíram na minha formação, a equipe de banca, aos colegas de turma também carinho especial pela paciência de ajudarem nessa etapa da minha formação, incentivando e dando coragem para seguir o caminho da vida.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo, analisar os impactos da construção da barragem de Itá para a população atingida, em especial ao fechamento da escola local, na comunidade de Lajeado Ouro, em Aratiba. Em sua metodologia adotou para a pesquisa uma abordagem qualitativa de caráter exploratório. No contexto de populações atingidas por barragens, os sujeitos tiveram suas vidas afetadas pela imposição da construção da usina hidrelétrica Itá, provocando impactos ambientais, materiais, produtivos, emocionais e sociais. Compreender como se deu o conseqüente fechamento da Escola Municipal São João, de Lajeado Ouro, em Aratiba e, em que medida, afetou os estudantes, a professora e toda a comunidade é o eixo condutor deste estudo. Os dados foram coletados a partir de uma abordagem empírica, realizada por meio de entrevista semiestruturada e de pesquisa documental a partir de documentos internos, cartilhas, jornais e artigos elaborados pelo MAB, além de publicações no site do Movimento e a entrevista com a professora D. Destaca-se a importância da organização, mobilização e resistência para atingir algumas conquistas que permitiram amenizar parte do projeto. Dentre os impactos, o fechamento da Escola foi o aprofundado e pode-se perceber o quanto afetou as famílias e a comunidade. Quanto a relevância do estudo, destaca-se que o histórico deste pesquisador também parte da luta contra as barragens.

Palavras-chave: Educação. Movimento de Atingidos por Barragens. Escola do Campo. Barragem de Itá.

SUMMARY

This work has for objective to analyze the impacts of construction of the Itá for the population concerned, in particular to the closure of the local school, in the community of Lajeado Rio Novo gold. In your methodology adopted for qualitative research of exploratory character. In the context of populations affected by dams, the subjects had their lives affected by the imposition of Itá hydroelectric power plant, causing environmental impacts, material, emotional and social production. Understand how the consequent closing of the Escola Municipal São João, Lajeado Ouro, in Aratiba and, to what extent, affected students, the teacher and the whole community is the drive shaft of this study. The data were collected from an empirical approach, accomplished through semi-structured interview and documentary research from internal documents, booklets, newspapers and articles produced by MAB, in addition to publications on the website of the movement and the interview with teacher D. Highlights the importance of organization, mobilization and resistance to achieve some accomplishments that enabled ease part of the project. Among the impacts, the closing of the school was the depth and can see how it affected the families and the community. As the relevance of the study, points out that the history of this researcher is also part of the campaign against dams.

Keywords: Education. Movement of People Affected by Dams. School of the field. Itá dam.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1: Projetos de barragens em andamento e consolidados na bacia do Rio Uruguai	13
Figura 2: Municípios atingidos pela usina hidroelétrica Itá - 2009	15
Figura 3: Imagem aérea da barragem de Itá- SC - 1997	16
Figura 4: Mapa de localização da barragem de Itá/SC - 2018	18
Figura 5: Festa na comunidade Lageado Ouro - Década de 80.....	30
Figura 6: Desfile de 7 de setembro da Escola São João no centro de Aratiba - Década de 80	30
Figura 7: Professores/atingidos na luta por direitos – Década de 90	32
Figura 8: Cópia de documento de encerramento das atividades da escola - 2006...	34
Figura 9: Cópia do documento de extinção da Escola - 2009	35

LISTA DE SIGLAS

BA: Bahia

CE: Ceará

CPT: Comissão Pastoral da Terra

CRAB: Comissão Regional. Dos Atingidos por Barragens

D: Entrevistada

ELETROSUL: Eletrosul Centrais Elétricas S.A

FAPES: Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior

GO: Goiás

MA: Maranhão

MAB: Movimento dos Atingidos por Barragens

MAR: Movimento de Afectados por las Represas

MG: Minas Gerais

MST: Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

MT: Mato Grosso

PA: Pará

PB: Paraíba

PE: Pernambuco

PI: Piauí

PR: Paraná

RJ: Rio de Janeiro

RO: Rondônia

RS: Rio Grande do Sul

SC: Santa Catarina

SP: São Paulo

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TO: Tocantins

UHE: Usinas Hidrelétricas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1. Objetivo geral.....	11
1.2. Objetivos específicos.....	11
2. MAB, ESCOLA E SUJEITOS DO CAMPO	11
2.1. O Movimento e o modelo energético implantado.....	12
2.2. O fechamento da escola acompanhado da construção da hidrelétrica.....	19
3. METODOLOGIA.....	22
3.1. Caracterização da pesquisa	22
3.2. Universo da pesquisa	22
3.3. Delimitação da pesquisa.....	23
3.4. Coleta de dados.....	23
3.5. Desenvolvendo a pesquisa	24
3.6. Análise dos dados: metodologia de análise de conteúdos.....	25
4. OS IMPACTOS CAUSADOS NA VIDA DAS FAMÍLIAS E NA EDUCAÇÃO	26
4.1. Os aspectos da escola e da comunidade e os impactos da construção da Hidrelétrica.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	41
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	43

1 INTRODUÇÃO

O modelo energético implantado no Brasil no período da ditadura militar, nos anos 1960, teve como marca a construção de grandes obras de geração de energia hidrelétrica, com a justificativa de promover o progresso, a modernização e a urbanização, conforme o plano de desenvolvimento traçado para o país.

Seguindo esta lógica desenvolvimentista, na região Sul do Brasil, foram planejadas várias barragens que alteraram a dinâmica dos rios e alagaram grandes extensões de terra, sendo uma das principais obras a Usina Hidrelétrica de Itá (UHE Itá), no Rio Uruguai. Em tais obras, o fator humano, nas esferas social, cultural e emocional não foi levado em consideração, sem planejamento prévio de como se daria o deslocamento das populações atingidas e dos impactos diretos e indiretos causados pelo empreendimento, produtor de grandes mazelas para o povo.

O presente trabalho tem como tema principal os impactos sociais sofridos pelas famílias com a construção da UHE de Itá, com foco no alagamento e fechamento da escola Municipal São João, localizada na comunidade de Lajeado Ouro, em Aratiba/RS, a partir do levantamento de informações e percepções dos sujeitos locais. Para tanto, foi realizada entrevista com uma professora da escola atingida pela barragem.

A realização da pesquisa proposta, se justifica pela escassez de trabalhos que abordem a temática nos passivos sociais, culturais e emocionais. Discute-se, a partir do recorte da educação, os impactos deixados pelas barragens nos territórios em que são construídas. Nestes locais, uma grande quantidade de direitos humanos são violados antes, durante e após a construção, os quais provocam prejuízos diretos e indiretos à população atingida, a qual não recebe a reparação dos danos sofridos.

É de grande importância a realização do resgate histórico a partir da história oral, com os sujeitos que sofreram e ainda sofrem, no dia-a-dia, os impactos das mudanças ocasionadas pela construção de empreendimentos hidrelétricos, para que os fatos não sejam esquecidos e invisibilizados. Atrelado a isso, entende-se também a necessidade de trazer presente os aspectos da articulação, organização e resistência do povo atingido e ribeirinho contra a construção da obra, tendo em vista a atuação do Movimento dos Atingidos por Barragem no estudo da questão

energética e na luta pelos direitos dos atingidos e atingidas.

O problema identificado e para o qual procura-se uma explicação e possíveis soluções é o de como o modelo de desenvolvimento, a partir da energia hidrelétrica, afeta as populações residentes nos territórios em que ocorre a construção de barragens, nas esferas social, cultural e emocional, a partir do recorte da educação do campo, com o fechamento da escola Municipal São João, em Aratiba, tendo como sujeitos locais os estudantes e a professora da escola.

1.1. Objetivo geral

Analisar os impactos da construção da barragem de Itá para a população atingida, em relação ao fechamento da escola local, na comunidade de Lajeado Ouro, em Aratiba.

1.2. Objetivos específicos

Compreender o contexto em que os sujeitos (alunos e professora) viviam antes do anúncio da barragem e como se encontram hoje, após o fechamento da Escola e o deslocamento da população, em uma análise comparativa do espaço físico/cultural/social.

Apontar os impactos sociais, culturais e emocionais decorrentes da construção da barragem de Itá, através do relato de uma professora, no contexto do fechamento da Escola.

2. MAB, ESCOLA E SUJEITOS DO CAMPO

Este capítulo traz elementos para entendermos o do porquê as grandes obras de geração de energia vieram se instalar no Brasil nas décadas de 60 e 70, os levantamentos e estudos feitos para que as construções fossem realizadas na região do Rio Uruguai. Traz também os contextos que fizeram com que os atingidos se organizassem para defender e garantir seus direitos e ainda no final deste capítulo aborda a educação dos povos do campo atingidos pelas barragens.

2.1. O Movimento e o modelo energético implantado

No período de ditadura militar no Brasil, ocorria também uma grave crise energética mundial, com a primeira crise do petróleo. Essa grande crise fez com que alguns países centrais buscassem substituir o petróleo por outras formas de geração de energia e a partir desta crise se iniciaram estudos de exploração em países com potenciais alternativos de energia e a implementar formas de energias renováveis (MAB, 2011).

O auge do setor energético brasileiro aconteceu nos anos 60, em que foi difundido o tão sonhado e desejado plano de desenvolvimento, modernização e urbanização nacional. A elaboração de grandes projetos de desenvolvimento econômico estava sendo combinado e interligado com a geração de energia. 1987/2010 da Eletrobrás (ELETROSUL/CNEC, 1979).

Através de uma política de créditos e de empréstimos de capital, os Estados Unidos depositam gigantescas quantias financeiras, fazendo com que o Brasil entrasse em uma escalada de endividamento externo. O fácil acesso ao financiamento que a nova política econômica proporcionou às indústrias estrangeiras fez abrir inúmeros investimentos externos, com edição da legislação de remessa de lucros dessas empresas para seus países de origem (GARCIA, 2006).

Por consequência desse fácil acesso ao financiamento, com intermédio do governo, o regime militar nacional programou uma política de construção de grandes barragens: “O Plano de Metas do governo Kubitschek, que a partir deste poderia então receber a participação do capital internacional”. Indústrias transnacionais se instalaram em grande peso para a industrialização dos centros urbanos, onde o governo fornecia a energia gerada por hidrelétricas a valores subsidiados, devido ao profundo endividamento externo (GORENDER, 1987, p.17-18).

O estudo aprofundado sobre o potencial hidrelétrico nacional foi feito pela Eletrobrás, que analisou as bacias hidrográficas e os rios, seus volumes e quedas e teve como conclusão do estudo um detalhado mapeamento dos locais que se poderiam construir as obras para geração de energia elétrica no Brasil (MAB, 2011).

Enormes projetos foram construídos com o objetivo principal de gerar energia elétrica para as grandes indústrias, chamadas de eletro intensivas e, para o

crescimento econômico nacional, que atravessava o chamado “Milagre Brasileiro”. O estudo aprofundado sobre o potencial hidrelétrico nacional foi feito pela Eletrobrás, que analisou as bacias hidrográficas e os rios, seus volumes e quedas e teve como conclusão do estudo um detalhado mapeamento dos locais que se poderiam construir as obras para geração de energia elétrica no Brasil. Segundo o MAB (2011):

Grandes empresas eletrointensivas (alumínio, ferro-liga, etc.) estavam se instalando no país e exigiam as condições de infraestrutura, nesse caso em especial, energia elétrica. Com isso, o Estado brasileiro foi o grande financiador da construção das hidrelétricas.

De acordo com Seminotti (2008, p. 129-37), muitas usinas hidrelétricas começaram a ser construídas em todo o território nacional a partir desses investimentos, e várias dessas grandes obras foram construídas ao longo do Rio Uruguai. Conforme Scalabrin et al (2010):

A bacia do Rio Uruguai, por seu relevo acidentado, em forma de vales, tornava-se propícia à implantação de barragens. Estavam previstas 22 barragens pelos estudos divulgados em 1978 pela Eletrosul. Entre as obras prioritárias para o início da década de 1980, estavam as barragens de Machadinho (RS) e de Itá (SC).

Figura 1. Projetos de barragens em andamento e consolidados na bacia do Rio Uruguai.



Fonte: Rio Uruguai Vivo

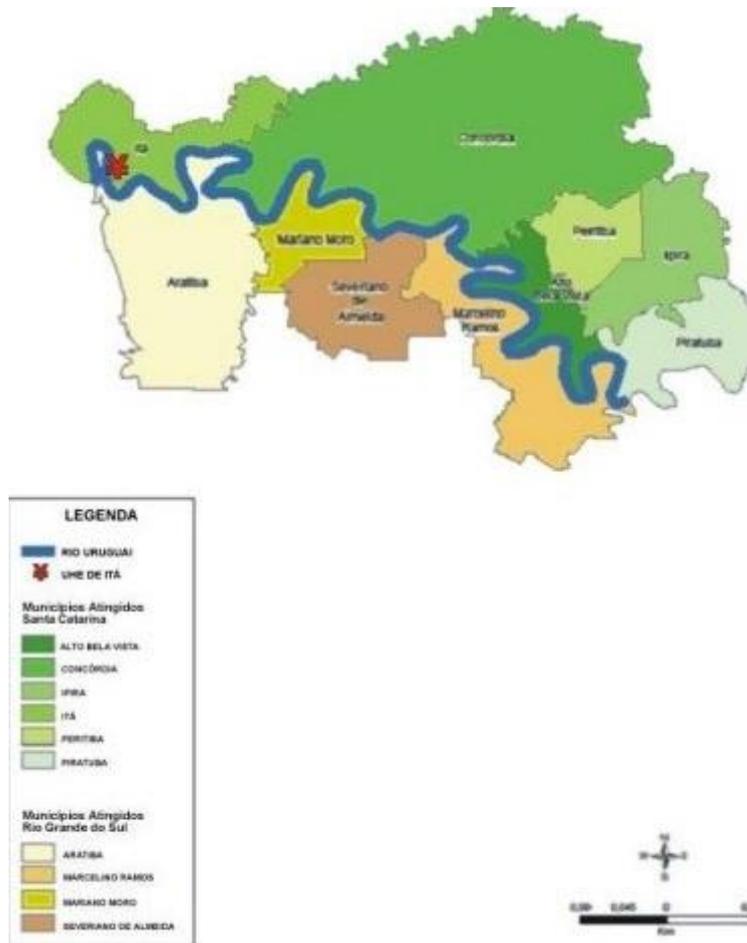
No início da década de 80, a empresa estatal Eletrosul iniciou estudos específicos a respeito da exploração do Rio Uruguai para fins hidrelétricos, três anos após o início desses estudos a empresa obteve a concessão da usina hidrelétrica pelo governo federal. A hidroelétrica se localiza na divisa dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e sua conclusão de construção da subestação de Itá pela Eletrosul ocorreu em 1987 com o intuito de realizar a transferência da geração de energia da Barragem de Itá (MAB, 2011). Segundo Scalabrin et al (2010):

A UHE Itá está localizada no Rio Uruguai, na divisa dos municípios de Itá e Aratiba, aproveitando um desnível de 105 metros entre a foz do Rio Apuaê e a foz do Rio Uvá, tendo uma capacidade instalada de 1.450 MW [...].

Ainda de acordo com o autor, a região apresenta um relevo muito acentuado, com o vale do Rio Uruguai encaixado e muito declivoso, com solos férteis originários de derrames basálticos. E foi por essas e outras características que propiciaram a viabilidade da construção da Usina Hidroelétrica Itá, com esta construção 11 municípios foram atingidos. No Estado Santa Catarina foram atingidos os municípios de Arabutã, Concórdia, Alto Bela Vista, Ipira, Piratuba e Peritiba, no Rio Grande do Sul os municípios de Aratiba, Mariano Moro, Severiano de Almeida e Marcelino Ramos, tendo uma área de 103 Km² inundada, e 141 Km² de formação de lago artificial (SCALABRIN, 2010).

A imagem a seguir mostra a abrangência da barragem de Itá, os municípios que foram atingidos pelo lago da barragem e usina.

Figura 2. Municípios atingidos pela usina hidroelétrica Itá – 2009.



Fonte: Base cartográfica digital em formato shapefile do IBGE. Elaboração de Marcos Piovezan e Marcos Aurélio Espíndola.

De acordo com Scalabrin et al (2010):

[...] a cidade de Itá foi totalmente realocada para uma nova área, e mais 36 núcleos comunitários foram atingidos, num total de 3.219 propriedades, nas quais viviam 3.560 famílias atingidas. Os municípios atingidos sofreram um profundo esvaziamento da população, com a saída dos moradores para outras regiões e estados, deixando para trás suas histórias, suas terras, comunidades, escolas, parentes, vizinhos, etc.

Até 1993 a construção da UHE Itá ficou paralisada, quando o governo federal permitiu a formação de consórcios entre empresas públicas e privadas e, em 1994, divulgou do edital de licitação para conclusão da obra sob o regime de concessão com a Eletrosul. Em 1996 iniciou a construção da barragem, quando ocorreu a privatização de parte da Eletrosul, na qual encontra-se abarcada a parte da estatal

nesta usina. Torna se acionista de 68,3% a empresa Tractebel, compradora Barragem de Itá. Em 1999 começou o enchimento do reservatório, em julho de 2000 a operação de geração de energia elétrica e, em 2001 o pleno funcionamento das turbinas com a conclusão de todas as obras (SCALABRIN, 2010).

Figura 3. Imagem aérea da barragem de Itá- SC - 1997



Fonte: Jornal Eletrosul.

Segundo dados da Eletrosul 1306 famílias atingidas pela Barragem de Itá eram “sem terra”. Estes 41,22% de atingidos puderam optar por reassentamento rural coletivo ou auto-reassentamento (carta de crédito). O movimento defendia a opção por reassentamento rural coletivo, mas somente 369 famílias atingidas optaram pelo reassentamento, das 3560 famílias que foram atingidas.

Ao mesmo tempo em que as especulações de construções de barragens ao longo do Rio Uruguai foram se consolidando, ocorria também à retirada de direitos civis e políticos e a indignação contra o regime imposto pelos militares, fez surgir inúmeras formas de organização e luta. A construção dessas grandes obras de geração de energia elétrica, por meio de usinas hidrelétricas, acarretou em um clima

de insatisfação das famílias atingidas passando a existir inúmeros focos de resistência onde as barragens estavam sendo instaladas (MAB, 2011).

Na região de abrangência da Barragem de Itá os atingidos iniciaram a resistência para que esta não saísse do papel. Posteriormente houve a luta por indenização e logo formaram organizações locais e regionais, as chamadas Comissões de Atingidos, CRAB - Comissão Regional dos Atingidos por Barragens (SCALABRIN, 2010).

Neste período de planejamento da barragem, os atingidos tiveram grande contribuição da Comissão Pastoral da Terra, de professores universitários da FAPES-Fundação Alto Uruguai para a Pesquisa e o Ensino Superior e de sindicalistas e de religiosos, que deram início na divulgação dos impactos que a mesma acarretaria na região, resultando na criação da CRAB (SCALABRIN, 2010).

Os atingidos por Itá participaram de inúmeras mobilizações e denúncias contra o projeto da barragem, através do qual conseguiram firmar, em 1987, um acordo histórico com o Ministério de Minas e Energia, no qual se ampliava o conceito de atingido por barragem, incluindo os posseiros e não-proprietários, e foram criados novos direitos para os atingidos, como ao reassentamento, chamado então de troca de terra por terra.

Ainda segundo Scalabrin, entre os anos de 1996 a 2001, durante a construção da Barragem de Itá, houve a reivindicação do cumprimento dos direitos conquistados pelos atingidos, no acordo de 1987. Esse acordo garantiu que as negociações seriam todas feitas com a presença de representantes da CRAB e nenhuma negociação individual seria feita; oferta de reassentamento coletivo seria direito de todos os atingidos incluindo os não-proprietários¹ e os problemas sociais seriam solucionados atrelados ao cronograma das obras.

Essa conquista teve grande importância para os atingidos, pois o único direito reconhecido naquela época era a indenização paga em dinheiro das terras alagadas e só era reconhecido como atingido o sujeito que possuísse escritura do imóvel (SCALABRIN, 2010).

Ao longo de todo esse período, onde o avanço dos projetos construções de hidroelétricas foi se consolidando, os ameaçados e atingidos por esse modelo de

¹ Não-proprietários são todos aqueles que não possuíam documentação (matrículas) atestando a propriedade da terra, como os (assalariados, diaristas, arrendatários, parceiros, meeiros, agregados e posseiros).

geração de energia foram se organizando para garantir seus direitos. Inicialmente essa organização foi chamada de CRAB – Comissão Regional de Atingidos por Barragens.

O Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Atingidos por Barragens ocorreu em 1989, onde se realizou um levantamento das lutas e experiências da organização em todo o país, e neste momento, foi definida a construção de uma forte organização nacional. Em 1991, no I Congresso dos Atingidos de todo o Brasil, a organização tomou caráter nacional e passou a se chamar MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens, e nesse congresso, ficou definido que o dia 14 de março é o Dia Nacional de Luta Contra as Barragens (MAB, 2011).

Figura 4. Mapa de localização da barragem de Itá/SC – 2018.



Fonte: Google Maps

De acordo com os registros do MAB (2011):

As conquistas foram acontecendo através de muita luta e organização. Houve enfrentamentos entre atingidos e empresas construtoras das obras para que os direitos fossem cumpridos. Mesmo assim, a forma de indenização dos atingidos foi bastante diversa de acordo com as lutas que se conseguiu travar em cada local.

Em 2003, aconteceu o 1º Encontro Nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens. O encontro que ocorreu em Brasília reafirmou que a luta popular é um importante instrumento de obter conquistas concretas. No ano de 2004, aconteceu a Marcha Nacional “Águas pela Vida”, percorrida de Goiânia à Brasília, com aproximadamente 600 atingidos, para exigir o cumprimento dos direitos por parte do governo federal (MAB, 2011).

Em outubro de 2017, aconteceu no Rio de Janeiro o 8º Encontro Nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens. Este encontro denunciou a privatizações das estatais brasileiras, entre elas a Petrobrás, o saqueio das nossas riquezas naturais pelo capital internacional e golpe sofrido no ano anterior. Além dessas denúncias, os atingidos afirmaram que a água e a energia devem ser usadas para a soberania nacional, e que as riquezas devem ser distribuídas e estar sobre o controle do povo.

O MAB está organizado nos Estados do RS, SC, PR, SP, MT, MG, BA, PE, PB, CE, PI, GO, TO, MA, PA, RJ e RO. Além da organização nacional criou-se a organização internacional que se chama MAR – Movimento de Afectados por las Represas (MAB, 2011). Ainda segundo o movimento (2011), o MAR luta contra as injustiças, pela garantia dos direitos dos atingidos por barragens, por um modelo energético popular para o povo, e por um projeto soberano e popular para a nação.

2.2. O fechamento da escola acompanhado da construção da hidrelétrica.

Na construção da Barragem de Itá, assim como em tantas outras grandes obras, que são construídas para a geração de energia através da água, deixa-se muitas pessoas afetadas, extensões grandes de terras alagadas, comunidades e escolas deslocadas para outros lugares. Um exemplo concreto disso, é a reconstituição de toda a cidade de Itá/SC (MAB,2011).

Outra consequência para além de suas casas, comunidades, escolas são os impactos sociais, onde ocorreu a perda dos laços comunitários e familiares. Também ocorreu um intenso impacto ambiental, com uma grande área de terra submersa e com destruição da fauna e da flora local. O impacto gerado foi muito grande que depois de encerrada a construção e o lago já cheio, a região do Alto Uruguai teve seu clima alterado (MAB, 2011).

A maioria desses impactos causados não podem ser reparados, como os impactos emocionais, culturais decorrentes das obras. Trazendo esses elementos para o contexto da usina hidroelétrica de Itá, percebemos que muitos desses impactos ocasionados perduram até os dias de hoje.

A realocação da escola do campo do Lajeado Ouro, em Aratiba, objeto deste estudo, é um desses impactos gerados pela obra. Os estudantes e profissionais tiveram suas vidas afetadas, tendo que sair de seus locais e se adaptar em outros espaços. A quebra do vínculo da comunidade com a escola afetou as crianças e famílias que participavam dos espaços, perdendo as relações de convívio diário, com o deslocamento para lugares distantes, deixando a escola e os laços de aprendizado para trás, de forma forçada, dando lugar ao acúmulo de água para geração de energia elétrica.

Muitas famílias foram obrigadas a deixarem suas casas, comunidades, diminuindo assim uma porcentagem grande de pessoas que habitavam as margens do Rio Uruguai, as escolas tiveram o número de estudantes reduzidos, a comunidade esvaziada e possivelmente esta pode ter sido uma das causas para o fechamento de muitas escolas do campo na região do Alto Uruguai.

Outro elemento que é preciso considerar sobre as escolas do campo, é de que a manutenção dessas escolas não foi prioridade de alguns governos do Estado do Rio Grande do Sul e nem mesmo de governos federais. Mesmo a educação sendo um direito social, ela ainda é excludente, classista, seletiva, pedagogicamente tradicional e na maioria das vezes desvinculadas das necessidades e interesses das classes populares. No campo, a questão é ainda mais grave, pois se negligenciam e inviabilizam os projetos específicos para as populações do campo, implementando a política da nucleação das escolas do campo, retirando as crianças e jovens das suas comunidades e transportando-as para as escolas urbanas (MAB, 2005).

Diante desses apontamentos, precisamos colocar a educação a favor as classes populares, é preciso pensar uma educação que transforme as atitudes, as mentalidades as consciências e que supere a estrutura que sustenta a velha sociedade (TORRES, 2001). De acordo com registros de 2005 do MAB:

A luta por uma educação do campo surge no contexto da luta pelo reconhecimento do campo como espaço de vida, moradia e trabalho,

bem como pela justiça e humanização dos povos que lá vivem, moram, trabalham, os camponeses.

E com isso, segundo Caldart et al (2012), o batismo originário da Educação do Campo, protagonizado pelos movimentos sociais camponeses, nos auxilia na compreensão do que se trata esta educação. O que ela é e o que representa, esta “consciência de mudança” que aponta e se lança para muito além dela própria. A autora ainda aborda a constituição da Educação do Campo, na citação abaixo:

O esforço feito no momento de constituição da Educação do Campo, e que se estende até hoje, foi de partir das lutas pela transformação da realidade educacional específica [...] fortalecendo-se a compreensão de que a questão da educação não se resolve por si mesma e nem apenas no âmbito local: não é por acaso que são os mesmos trabalhadores que estão lutando por terra, trabalho e território os que organizam esta luta por educação. Também não é por acaso que se entra no debate sobre política pública.

Caldart et al (2012), ainda destaca as principais características da Educação do Campo como prática social, para que se possa identificar, sua novidade ou a “consciência de mudança” que é expressa pelo nome. A primeira delas é a luta social pelo acesso dos camponeses à educação; seguindo pela pressão coletiva que assume por públicas mais abrangentes e que considere as diferenças educacionais. Faz conjuntamente a luta pela educação com luta pela terra, pelo direito ao trabalho, à cultura e à soberania; se coloca como defensora da especificidade dessa luta e das práticas geradas por ele. Busca-se trabalhar na prática, a riqueza humana e social da diversidade de seus sujeitos.

A Educação do Campo nasceu da prática e não como teoria e hoje ela exige uma boa análise da realidade concreta através da práxis; visa exercitar o direito de pensar a pedagogia a partir de sua realidade específica, visando sua totalidade; busca fazer a junção da luta contra a tutela política e pedagógica do Estado e a luta pela educação pública e por último considera os educadores como sujeitos fundamentais das transformações e formulações pedagógicas da escola. Essas características expressam uma prática social que se compromete em confrontar as contradições da sociedade que a produzem (Caldart et al, 2012).

Povo que conhece sua história é povo que luta pela sua identidade, memória e cultura e é nesse sentido, que os sujeitos se colocam, a favor das escolas do

campo, para que a educação seja uma possibilidade concreta da libertação e emancipação dos povos do campo.

3. METODOLOGIA

3.1. Caracterização da pesquisa

A pesquisa proposta se caracteriza como qualitativa, por atentar-se a “[...] compreensão de um grupo social, de uma organização, [...] [analisando] aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 31). Segundo Minayo (2001 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32) a abordagem qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A natureza da pesquisa se caracteriza como exploratória, pela realização de levantamento bibliográfico e entrevista com pessoa relacionada diretamente ao objeto de pesquisa. O método exploratório objetiva “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41)

3.2. Universo da pesquisa

O estudo se insere em um contexto de populações atingidas por barragens, que têm suas vidas afetadas pela imposição da construção de uma usina hidrelétrica, provocando impactos ambientais, materiais, produtivos, emocionais e sociais. Buscou-se compreender de que forma a construção da UHE Itá e o conseqüente fechamento da Escola Municipal São João, de Lajeado Ouro, em Aratiba, afetaram os estudantes, a professora e toda a comunidade, pelo rompimento do vínculo com a escola do campo, pelas perdas ambientais, materiais, emocionais e pelo deslocamento forçado da população atingida.

3.3. Delimitação da pesquisa

O foco da pesquisa foi o fechamento da Escola Municipal São João, localizada na comunidade de Lajeado Ouro, em Aratiba/RS. Como sujeito de pesquisa, foi trabalhado com uma professora aposentada, que traz consigo histórias, experiências e projetos de vida atreladas ao território e ao dia-a-dia da escola.

3.4. Coleta de dados

A coleta de dados para o presente estudo foi feita com base na pesquisa-ação. Sobre esta metodologia, segundo Gil (2002, p. 146):

“Diversas técnicas são adotadas para a coleta de dados na pesquisa-ação. A mais usual é a entrevista aplicada coletiva ou individualmente. Também se utiliza o questionário, sobretudo quando o universo a ser pesquisado é constituído por grande número de elementos. Outras técnicas aplicáveis são: a observação participante, a história de vida, a análise de conteúdo e o sócio drama. Esta última mostra-se bastante adequada para a investigação de situações marcadas por relações de desigualdade: patrão/empregado, professor/aluno, homem/mulher etc.”

Os dados foram coletados a partir de uma abordagem empírica, realizada por meio de entrevista semiestruturada, de pesquisa documental a partir de documentos internos, cartilhas, jornais e artigos elaborados pelo MAB, além de publicações no site do Movimento. A entrevista semiestruturada foi realizada com a professora da Escola Municipal São João, a qual teve seu nome preservado por questões de privacidade, sendo referida neste estudo como professora D. O contato inicial com D. foi feito por meio de telefone, seguido de uma visita à domicílio, no mês de setembro de 2018, para apresentação do tema da pesquisa e a importância da mesma. Nessa ocasião, foi entregue o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento), o qual foi assinado pela prof.^a, ao concordar em participar do estudo e expressar sua satisfação com a realização de tal pesquisa, por resgatar e dar visibilidade à história dos moradores e da escola de Lajeado Ouro, a qual foi destruída pela imposição de um projeto hidrelétrico, causando inúmeros impactos ambientais, sociais e emocionais até os dias de hoje. Ainda no mês de setembro, foi realizada a entrevista, gravada com auxílio de celular, com devido consentimento da entrevistada, no espaço da casa de D. onde mora com seu esposo.

Sobre a prática de entrevista, LUDKE e ANDRÉ (1986, p. 39-40) afirmam que:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. A liberdade de percurso esta, como já foi assinalada, associada especialmente às entrevistas não estruturada ou não padronizada. Entrevista padronizada ou estruturada, que é usada quando se visa à obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo assim uma comparação imediata em geral mediante tratamentos estatísticos. Entre esses dois tipos extremos se situa a entrevista semiestruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.

3.5. Desenvolvendo a pesquisa

Nesta pesquisa, buscou-se evidenciar e valorizar o conhecimento popular, a partir do relato da professora D. e da extinta escola São João de Lajeado Ouro, e dos escritos do Movimento de Atingidos por Barragens, validando tais conhecimentos. Na realidade em que vivemos, os saberes populares, não validados pela academia, não são considerados parte da construção do saber científico. Sobre a questão, Gil (2008, p. 02) aponta que:

Etimologicamente, ciência significa conhecimento. Não há dúvida, porém, quanto à inadequação desta definição, considerando-se o atual estágio de desenvolvimento da ciência. Há conhecimentos que não pertencem à ciência, como o conhecimento vulgar, o religioso e, em certa acepção, o filosófico.

A valorização e o resgate da história do povo atingido pela Barragem de Itá, com foco no fechamento da escola do campo de Lajeado Ouro, e a validação do conhecimento popular pela academia, constitui-se como prática fundamental para afirmação dos sujeitos, que fizeram e fazem parte desta história.

Os aspectos metodológicos utilizados no decorrer da pesquisa seguiram uma cronologia que é de suma importância para a sistematização e análise dos dados. Num primeiro momento, foi feita a delimitação do tema e a escolha do referencial teórico. A escrita do projeto proporcionou um raciocínio significativo

daquilo que queríamos orientar como proposta. Num segundo momento, foi realizada a entrevista semiestruturada com o auxílio de gravador, sendo fundamental para obtenção dos dados, os quais foram sistematizados com base em sua relevância no ato da escrita do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Um estudo exploratório foi realizado, num primeiro momento, através de pesquisa bibliográfica e, posteriormente, pela aplicação de perguntas sucintas na entrevista, a qual possibilitou uma relação direta com o objeto de estudo, a partir do levantamento das informações pertinentes sobre a Escola Municipal São João no relato da entrevistada.

3.6. Análise dos dados: metodologia de análise de conteúdos

Segundo Moraes (1999), em “Análise de Conteúdo”, a categorização, descrição e interpretação dos dados levantados em uma pesquisa são etapas essenciais da metodologia de análise. O ato de analisar um conteúdo é carregado das interpretações pessoais do pesquisador diante dos dados, assim, não há possibilidade de uma leitura neutra, portanto, o contexto em que os dados são analisados deve ser evidenciado na análise de conteúdo. Sobre as interpretações, Moraes (p. 03) afirma que “Esta questão de múltiplos significados de uma mensagem e das múltiplas possibilidades de análise que possibilita está muito intimamente relacionada ao contexto em que a comunicação se verifica”.

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa e, sobre esta questão, Moraes (p. 02) aponta que “[...] ao longo do tempo, têm sido cada vez mais valorizadas as abordagens qualitativas, utilizando especialmente a indução e a intuição como estratégias para atingir níveis de compreensão mais aprofundados dos fenômenos que se propõe a investigar”.

Sobre a descrição do processo da análise de conteúdo, Moraes (p. 04) indica 5 etapas, as quais foram seguidas para a construção dos resultados e discussões. As etapas são: 1) Preparação das informações; 2) Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; 3) Categorização ou classificação das unidades em categorias; 4) Descrição; 5) Interpretação.

4. OS IMPACTOS CAUSADOS NA VIDA DAS FAMÍLIAS E NA EDUCAÇÃO

Nesse capítulo será abordado impactos que essa construção da Hidrelétrica afetou na vida das famílias, comunidade e na educação. Nesse contexto da construção da Hidrelétrica, ver como as famílias e a comunidade escolar e comunitária se organizam e como isso foi rompido com a construção da mesma. Para essa análise e estudo terá como base a entrevista da professora e atingida pela Hidrelétrica Itá, onde a mesma nos traz elementos importantes, nos quais se pode identificar vários impactos e violações sofridas por essa comunidade.

A entrevistada era professora da escola e moradora da comunidade do Lajeado Ouro em Aratiba e foi atingida pela Hidrelétrica Itá, onde teve que deixar sua comunidade e ir morar na cidade.

4.1. Os aspectos da escola e da comunidade e os impactos da construção da Hidrelétrica

O estudo do potencial energético no Rio Uruguai ocorreu no período da ditadura militar, pois estava em curso o “Milagre Econômico” propagado pelo governo da época. Esses grandes estudos para a viabilidade das construções das hidrelétricas não tinham um planejamento junto com a sociedade. Bem como nessa conjuntura as escolas sofrem ataques. Segundo Caldart et al (2012, p. 281):

O Golpe de 1964 representa a opção por um projeto de desenvolvimento cada vez mais associado e subordinado ao capital internacional. No contexto da ditadura, sob a influência das teorias crítico-reprodutivistas e de desescolarização, ampliam-se as análises do Estado e da escola como aparelhos de reprodução da ordem do capital.

Nesse contexto, a ditadura militar que se abarcou no Brasil deixou profundos impactos sociais para uma grande parte das famílias brasileiras, como o caso das

famílias atingidas pela Hidrelétrica Itá, onde teve sua vida mudada pela construção da Hidrelétrica.

A sociedade como um todo não estava ciente do que eram esses grandes estudos, muito menos sabiam que ali em suas terras podiam ser inundadas para a construção de uma obra faraônica como uma Hidrelétrica. No depoimento da atingida pela construção da Barragem Itá fica claro o desconhecimento do anúncio da construção. Conforme o relato da atingida entrevistada (2018):

Nós não sabia o que era isso, no fundo no fundo nós éramos analfabetos nesse sentido, o que é uma barragem? Nós não sabia o que era, simplesmente começou aqueles movimentos. (...) Aí simplesmente vai vir a barragem (...) foram os primeiros debates que começaram a clarear algo com a questão da barragem. Assim aconteceu na escola, nós não fomos orientados, nunca se debateu, a empresa passava o tempo todo olhando quanta terra tinha, quem tinha escritura e o preço, até pulavam a família que não aceitava, né, assim é na escola também. A gente não sabia de nada, mas foi assim bastante às escuras. Tratavam as questões sociais como era melhor para eles(...).

As famílias foram descobrir o que estava por vir através do movimento que começou a surgir na época a CRAB - Comissão Regional dos Atingidos por Barragens, antes disso tinha os sindicatos rurais e a Igreja que tinham algumas informações, tentavam avisar a população atingida, mas como muitas dificuldades.

Quando uma obra desse porte é construída tem consequências enormes para as populações que aí residem, as famílias têm que deixar suas casas, seu lote, as crianças têm que mudar de escola e muitas vezes todos têm que mudar de estado ou comunidade perdendo o vínculo familiar e comunitário.

Como podemos ainda ver na entrevista com a professora da escola e atingida, nada foi claro para a população, a incerteza sobre o que iria acontecer com as famílias era diária. Isso também foi também para a escola na comunidade onde vivia a professora, pois não sabia o que iria restar para a comunidade.

Segundo a entrevistada, a escola tinha em médias 30 a 40 alunos. Naquela época quase todas as comunidades tinham escolas, onde a participação da comunidade era sempre diária, pois ali todos se conheciam. Na época ainda as escolas eram estruturadas com as turmas multisseriadas, onde havia ainda mais aproximação das crianças umas com as outras. As escolas multisseriadas eram

comuns na época e, pode-se dizer que, pelo olhar da educação do campo, segundo Caldart et al (2012, p. 315-16):

(...) elas são uma forma possível e necessária de organização escolar no campo e podem ser referência de qualidade de ensino se organizadas por ciclos e por princípios multidisciplinares.(...) Essas escolas podem/devem se organizar de forma a superar a seriação e a fragmentação do conhecimento, favorecendo um trabalho por ciclos de aprendizagem; essas escolas constroem e mantêm uma relação de reciprocidade, de coletividade, de referência cultural e de organização social nas comunidades em que estão inseridas.

A escola era composta por alunos da própria comunidade, isso significava que as ações que eram pensadas para os alunos, tinham um envolvimento grande parte da comunidade local. Isso nos remete a pensar que ali havia um trabalho socialmente necessário, onde era possível realizar de forma participativa era presente a comunidade na escola, pensava as atividades e executava juntamente com as crianças. Nas escolas da cidade é muito difícil um envolvimento tão grande da sociedade nas tarefas conjuntas. De acordo com Shulgin (2013, p. 113):

O Trabalho Socialmente Necessário requer não apenas conhecimentos e habilidades, não só treino, mas também uma organização específica ou auto-organização das crianças. Sem isso, ele não é viável, é impensável. Da parte das crianças, ele exige capacidade de ação, engenhosidade, desenvoltura, capacidade de observação, interesse, trabalho inteligente; e não o individual, mas o coletivo, não só no seu canto, mas com o povo, na rua, etc. Exige, portanto, a organização. E isso é muito importante. É muito necessário.

Podemos perceber que nas escolas do campo, há uma maior interação entre os alunos e os professores. Na época, as escolas eram compostas por professores formados pelo magistério, sem necessariamente possuírem um ensino superior.

Nos relatos da professora atingida aparece informações que a comunidade era muito grande, mas havia ali famílias de pequenos agricultores e a comunidade em si, era uma comunidade pobre. Como na época as famílias tinham essa conjuntura econômica mais difícil, havia também entre a comunidade um espírito de solidariedade. As professoras tinham muitas vezes tarefas para além de ensinar a ler e escrever, mas o cuidado com a saúde das crianças (alimentação e muitas

vezes as questões de higiene), era um cuidado com o todo da criança e da comunidade, uma pedagogia diferenciada. Segundo a professora D. (2018):

Pelas fotos podemos ver que já era uma comunidade bem grande. Então tinha dois turnos, sempre de manhã, tinha merenda, daí a gente saía para fazer o lanche da manhã às 10 horas, mas assim o dia a dia era uma coisa maravilhosa o pessoal entendia. Elas não eram uma comunidade muito para frente era uma comunidade bastante pobre, as crianças vinham para aula a gente via o que eles comeram de noite ou de manhã, ovo e polenta, porque travam resto no rosto. Problemas pessoais não preparados, umas pessoas humilham as pessoas pobres sabe. Quando tinha a época piolho como nos sofria.

Na época em que a escola existia ainda não haviam concepções de escola do e no campo², era considerada com escola rural, pois tratava-se da localidade da escola por ser na comunidade, pois essas famílias dependiam do sustento rural. E em muitos casos podem ser a única escola que a criança pode frequentar, devido que as escolas da cidade eram muito longe e de deslocamento com difícil acesso muitas vezes que gerava inúmeras situações que podem ser consideradas atualmente características identificadas com as escolas do campo.

Junto com toda uma convivência cultural presente nas escolas, tem-se presente que muitas dessas crianças que estudavam na escola, contribuíam nas tarefas de casa, ajudando os pais, isso implicava na facilidade em estudar perto de casa e não na cidade. As escolas para essas crianças era a oportunidade de ter conhecimentos culturais, artísticos e pedagógicos destaca-se que muito dos pais dessas crianças eram analfabetos.

² O conceito de escola do e no campo refere-se ao local físico em que a escola está inserida, sendo no meio rural e, também, ao enfoque dado às particularidades da reprodução material e social da vida nestes territórios rurais.

Figura 5. Festa na comunidade Lajeado Ouro - Década de 80.



Fonte: arquivo pessoal da professora D.

Figura 6. Desfile de 7 de setembro da Escola São João no centro de Aratiba - Década de 80.



Fonte: arquivo pessoal da professora D.

A atingida e professora da escola São João, relata isso ao dizer que nas datas festivas do município era sempre uma alegria para as crianças irem desfilarem na cidade, pois poucas vezes essas crianças iam à cidade. Como se pode ver na imagem, no desfile no centro do município. Como em outras datas nas festividades da comunidade, a professora D. (2018) relata que:

Que quando se faziam confraternização, no caso podia ser dia das Mães, dia dos Pais, São João, era maior que uma festa, todo mundo colaborava. Então havia integração da Comunidade e das famílias era muito boa mesmo com uma enorme carência ficar contente com tudo, mas a gente se dedicava de corpo e alma, tenha farinha à gente servia bem essas crianças.

Para além da escola ser um espaço de cultura, tinha também a questão do cuidado com a escola e o embelezamento dela, quem mantinha a escola organizada era os professores, alunos e pais. As professoras muitas vezes que eram duas, não mais que isso tinham a tarefa de limpeza e eram também merendeiras. As tarefas de jardinagem e horta, era desenvolvido com os alunos numa uma forma de inserirem elas nos trabalhos e elas serem também parte da escola, serem sujeito do processo como um todo. Segundo D. (2018):

(...) o espaço ere pequeno limpemos um barranco de grama-capim, grama dura-dura com enxada, não tinha máquinas. Foi colhido cabeça de repolho plantei eu entendia porque eu era da roça, também gostava de aprende. Para fazer e depois para começar a fazer merenda aí peguei uma enxada, e ela mesmo no barranco coloquemos um fogão, em casa tinha lata de querosene mandei meu marido cortar e desta lata viro a chapa do fogão a gente cozinhava, pois vinha mingau para cozinhar, daí a gente usava lenha para fazer a merenda.

A escola mantinha o papel de ensinar os alunos, a ler e escrever, mais desempenhava também funções a partir da realidade em que a comunidade se encontrava, atuando em conjunto com a realidade local. Assim, são as escolas do campo e no campo, existe o cuidado de não ser apenas um lugar onde ficam as crianças meio dia. Mas sim desenvolve-se um acompanhamento coletivo das tarefas, escolares, da comunidade e da convivência comunitária, que pode ser chamado de trabalho socialmente necessário. Um conceito que vem integrado a

concepção da Educação do Campo, por meio da contribuição da pedagogia socialista, aproximada pelos estudos das escolas itinerantes do MST

Cabe destacar que quando foi concretizando que iria sair à construção da Hidrelétrica, houve muita organização popular. A CRAB na época, realizou muitas mobilizações no sentido de as famílias terem seus direitos garantidos e manter as culturas locais. Os professores e as escolas também participaram dessa luta, por entender que a comunidade e as crianças eram sujeito desse processo e teriam que ter seus direitos garantidos. Muitas crianças ficaram no município, mas muitas foram para os reassentamentos. Nos reassentamentos a empresa teria que garantir o direito de a criança ter acesso a escola, como também acompanhamento psicológico. Conforme o relato de D. (2018):

As principais mudanças houveram em relação à escolarização das crianças e adolescentes com o fechamento da escola foi que as crianças iam ter acesso a psicólogo. São crianças e tem que trocar de lugar, nunca ouvi dizer se tiveram o apoio neste lugar. Vê que a carência foi grande a gente vê poucos que vem visitar os que ficaram por aqui. Assim ainda visitar por isso a gente vê que carência foi grande deles, e depois da comunidade como sendo os problemas hoje mais que na época, A escola Nossa ela foi relocada para outro local junto com a comunidade, a Prefeitura Municipal municipalizou algumas escolas, fechando a escola em no ano 2002 ou 2003. Hoje e uma “brigas” nos inteiros para quem fica com o espaço da escola fechada, (...).

Figura 7. Professores/atingidos na luta por direitos – Década de 90.



Fonte: Arquivo histórico do MAB.

Como podemos ver nas fotos, os professores tanto da Hidrelétrica Itá, com o a Hidrelétrica Machadinho, participavam das mobilizações para garantia de direitos. Para quem ficou no município, teve que se adaptar a uma nova configuração da comunidade. A comunidade do Lajeado Ouro foi deslocada para cima da barragem, teve esse novo processo de adaptação das crianças à escola.

Com essas mudanças físicas, mais também psicológicas, o MAB atualmente vem denunciando os direitos que são violados na construção das barragens, principalmente por afetarem as mulheres e as crianças, pois na sociedade as relações de poder são ainda muito ³patriarcal. O coletivo de mulheres do MAB, em sua pesquisa, levantou dezesseis violações de direitos na construção da hidrelétrica, entre eles, está; acesso a políticas públicas: com o inchaço populacional provocado pela barragem, o acesso a serviços públicos (saúde, educação, transporte, segurança), que normalmente já são precários, se torna ainda mais difíceis (MAB, 2015).

Esse debate dos direitos dessas populações atingidas, é ainda hoje discutido e reivindicado por essas populações. Quando a construção da barragem ocorreu, houve uma mudança muito grande para as famílias que ficaram no município. Na comunidade isso também aconteceu, a comunidade do Lajeado Ouro foi reconstruída num novo local, pois a comunidade antiga ficou abaixo da água.

Com essa mudança forçada, muitas pessoas foram morar nos reassentamentos em outros estados e poucas famílias ficaram nas comunidades atingidas. “(...) Das famílias da comunidade, a grande maioria pegou área de reassentamento, e foram relocados, mas foi muito triste, (...)” (D., 2018).

Isso é muito presente nos relatos que tivemos da entrevistada que era moradora da comunidade. Com a vinda da barragem ela se mudou para a cidade, mas acompanha a comunidade. A perda dos laços comunitários foi muito grande, muitas famílias que eram vizinhas antes, hoje em dia, nem se sabe onde se encontram. A comunidade nunca foi mais a mesma, a escola que era um pilar da comunidade, acabou. Poucas crianças permaneceram na comunidade, isso acelerou

³ O patriarcalismo como sistema de dominação é muito antigo, com base na existência do “chefe de família”, a figura do pai, anterior ao surgimento do capitalismo. No entanto, com o surgimento do capitalismo, fica claro que a exploração do trabalho doméstico “chamado de não trabalho, ou, de trabalho invisível” é vital para a reprodução do sistema capitalista (MAB,2015).

o processo do fechamento da escola do campo na comunidade. A barragem começou seus trabalhos nos anos 2000, onde a escola era estadual, mas com isso ela passou daquele ano para municipal, em meados de 2006 ela encerrou as atividades na escola.

Figura 8. Cópia de documento de encerramento das atividades da escola – 2006.



Estado do Rio Grande do Sul
MUNICÍPIO DE ARATIBA

Rua Luiz Loeser, 287 – Centro – Fone: (54) 376-1114 - CNPJ 87.613.469/0001-84
99.770-000 - ARATIBA – RS

DECRETO MUNICIPAL N.º1.420, DE 24 DE FEVEREIRO DE 2006.

EMENTA: CESSA AS ATIVIDADES DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO JOÃO, DE LAJEADO OURO, ARATIBA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

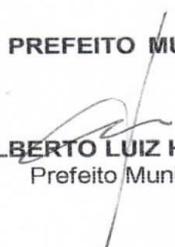
GILBERTO LUIZ HENDGES, Prefeito Municipal de Aratiba, no uso de suas atribuições legais, especialmente as conferidas pelo art. 64, inciso VI, da Lei Orgânica Municipal,

DECRETA:

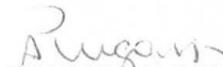
ART. 1º - Ficam CESSADAS as atividades da Escola Municipal de Ensino Fundamental São João de Lajeado Ouro, Aratiba, RS, a partir de 24 de fevereiro de 2006, em virtude do baixo número de alunos.

ART. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE ARATIBA, aos 24 de fevereiro de 2006.

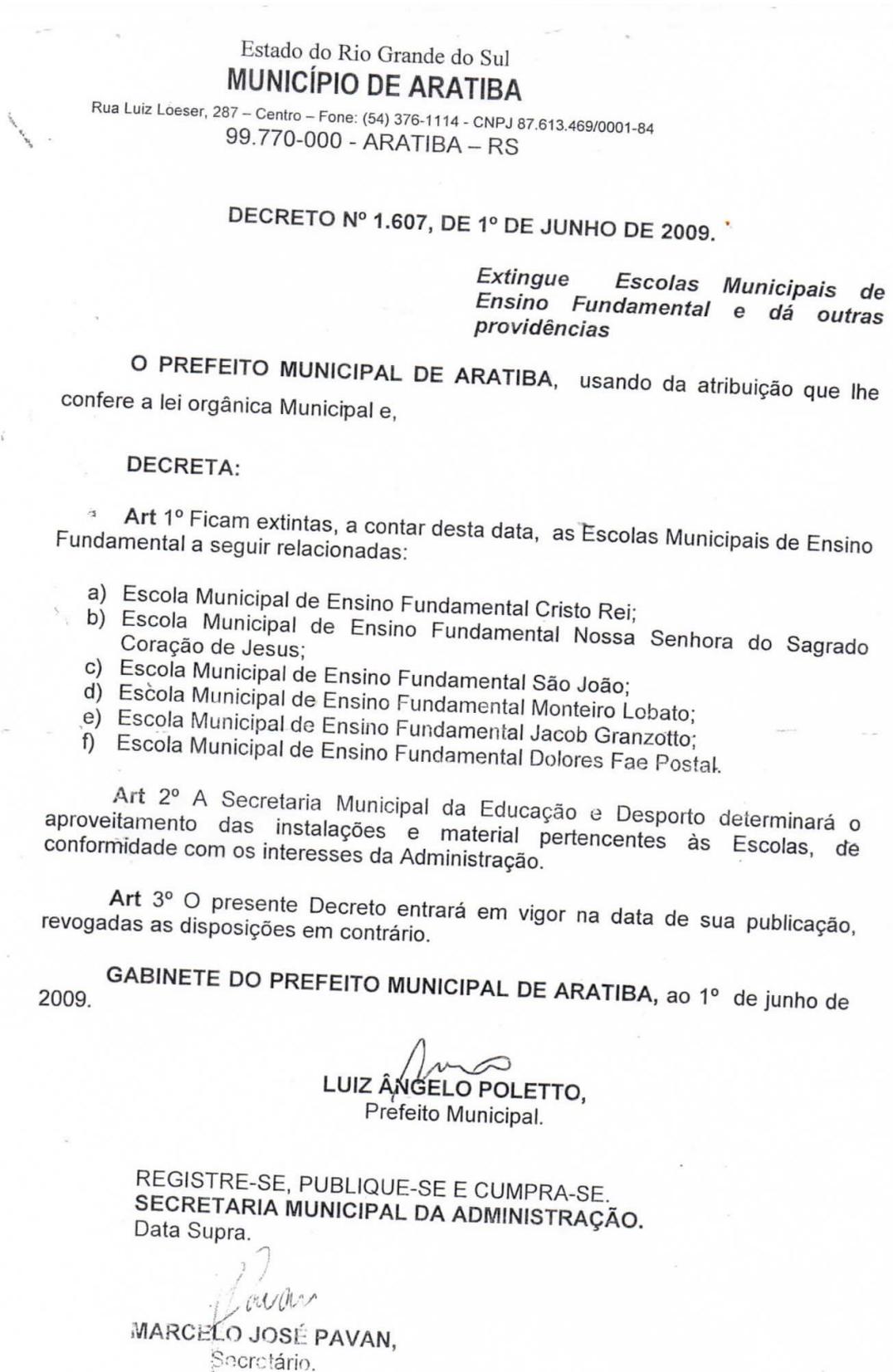

GILBERTO LUIZ HENDGES,
Prefeito Municipal.

REGISTRE-SE, PUBLIQUE-SE E CUMPRA-SE.
SECRETARIA MUNICIPAL DA ADMINISTRAÇÃO.
Data Supra.


ROSMARI ANGONEZE,
Secretária.

Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Aratiba.

Figura 9. Cópia do documento de extinção da Escola – 2009.



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Aratiba.

Na figura 8 vemos o documento do encerramento da escola municipal de ensino fundamental São João, de Lajeado Ouro e, na figura 9, o documento atestando que mais escolas do campo e no campo foram fechadas e extintas.

Com essa mudança drástica na vida da comunidade, as crianças passaram a estudar na cidade, isso também acarretou tanto numa adaptação da criança na escola e no modo de convivência, como a mudança de ficar mais tempo no transporte escolar para chegar na escola do município. As crianças começaram mais tarde a conviver com o ambiente escolar e da comunidade escolar. O envolvimento dos pais também na escola ficou mais distante, não havendo mais o engajamento da família com a escola, como antigamente.

Temos presente que a construção da barragem acelerou o processo de fechamento da escola do campo e no campo. Mas não foi o motivo principal, porém debatemos isso, pois não foi a comunidade, nem as famílias atingidas que desistiram de seus lares para a construção da barragem, isso foi uma obra faraônica que beneficiou uma pequena parte da sociedade. Os impactos causados foram enormes para o município e principalmente as comunidades atingidas.

Junto aos grandes impactos, precisemos debater principalmente o fechamento da escola do campo, pois as crianças/ alunos precisam ser sujeitos e protagonista da sua história, esse é um debate longo para os próximos períodos na história da nossa região e no Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apontou várias questões cuja análise que não termina aqui, geram reflexões sobre a questão da Educação do Campo, causando vários impactos motivados pela construção da Hidrelétrica Itá seguem em busca de estudos.

O estudo mesmo teve muita importância nesse processo, seja para mim que faço parte desta história pois por meio dele pude compreender melhor o contexto histórico dos atingidos pela Hidrelétrica de Itá. As informações consultadas através da Entrevistada que era professora de uma escola no campo e atingida pela Hidrelétrica Itá, os arquivos históricos do Movimento dos Atingidos por Barragens e a

fonte de vários autores acima citados constituíram e que também como importante instrumento e apontara como a mais marcante ferramenta, a organização e mobilização das famílias atingidas pela barragem. Através dessa luta conseguiram garantir e conquistar direitos dos quais muitas vezes foi, e ainda são negadas aos povos atingidos por essas grandes obras.

Muitos fatos importantes que foram apresentados neste trabalho. São grandes os impactos sociais causados pela construção da Hidrelétrica Itá, porém devido ao tempo, o estudo não foi mais aprofundo. Entretanto, podemos notar através da entrevista, que a educação do campo, nesse caso especialmente, foi um dos impactos sociais muito forte, não somente como perda física, mas sobretudo emocionalmente para a comunidade e para as famílias e o aluno.

Primeiramente, não foi uma escolha das famílias saírem de seus lares e nem mudar de escola, distanciando-se de sua cultura comunitária. A construção da hidrelétrica, forçou o fechamento da escola do campo, o se não tinha mais alunos para manutenção da escola como foi relatado através dos documentos, não tinha alunos suficientes devido a maioria das famílias terem ido morar nos reassentamentos, impacto causado pela construção da barragem.

Ainda temos que ter presente, como era a condução da escola do campo e no campo. Era o espaço mais importante que as comunidades tinham para além do aprendizado escolar, tinha-se o vínculo comunitário, familiar, solidário e cultural.

Esse debate da Educação do campo e os impactos da hidrelétrica, precisam ser aprofundados com um olhar para a população atingida e camponesa, pois ali está a preservação da nossa cultura e dos nossos bens naturais, nossa memória história. E através da educação do campo e no campo que ela pode ser e é preservada, por que ela tem esse olhar diferenciado para a educação, a partir da realidade local do aluno.

Portanto, precisamos cada vez mais aprofundar os nossos debates e estudos, aprofundar nosso olhar para a realidade do campo e a partir disso, construir processos de formação e, reivindicar escola do campo e no campo para que nossas populações do campo, não percam seus vínculos com o campo e com a comunidade local.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 257-264.

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. Educação Do Campo: Um Olhar Histórico, Uma Realidade Concreta. **Revista Eletrônica de Educação**, Ano V. v. 09, jul./dez. 2011.

FORCELINI, Melody. O PROGRAMA "ARCA DE NÓE" E A USINA HIDRELÉTRICA DE ITÁ-SC. In: XVI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH - SC, 2016, Chapecó, **Anais do XVI Encontro Estadual de História da ANPUH-SC**, Anais eletrônicos: ANPUH - SC, 2016. Disponível em: <http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/43/1464655416_ARQUIVO_resu momelody.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

GARCIA, João Carlos Bona. Anos de Chumbo. **Acervo de Luta Contra a Ditadura**, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.acervoditadura.rs.gov.br/anos.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2018..

LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagem qualitativa. Rio de Janeiro, v. 1, 2013.

MARQUES, Gabriela da Silva; GIONGO, Carmem Regina; CRUZ, Franciéli Katiúça Teixeira da; MENDES, Jussara Maria Rosa. Deslocamento forçado e saúde mental: o caso da hidrelétrica de Itá. **Revista de Estudos Sociais**, Bogotá, n. 66, p. 30-41, out. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/lais_/Downloads/revestudsoc-28125.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2018.

MARTINI, Liamara. **Repercussões territoriais e econômicas em Aratiba – RS, a partir da construção da usina hidrelétrica Itá**. UFFS: Erechim, 2015. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1575/1/martini.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

MERCEDES, Sonia Seger Pereira; RICO, Julieta A. P.; POZZO, Liliana de Ysasa. Uma revisão histórica do planejamento do setor elétrico brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 104, p. 23, jan. fev. mar. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/lais_/Downloads/106750-Texto%20do%20artigo-188562-1-10-20151028.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2018.

MOVIMENTO DE ATINGIDOS POR BARRAGENS. Setor elétrico na bacia do rio

Uruguai. **Movimento de Atingidos por Barragens**, São Paulo, 29 maio 2008. Biblioteca: artigos. Disponível em: <<http://www.mabnacional.org.br/artigo/setor-el-trico-na-bacia-do-rio-uruguai>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

_____. A criação das comissões regionais de atingidos. **Movimento de Atingidos por Barragens**, São Paulo, 01 ago. 2011. Nossa História. Disponível em: <<http://www.mabnacional.org.br/content/2-cria-das-comiss-es-regionais-atingidos>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

_____. **O modelo energético e a violação dos direitos humanos na vida das mulheres atingidas por barragens**. Secretaria Nacional: São Paulo, 2011.

_____. **Política Nacional de Direitos das Populações Atingidas por Barragens**. Movimento de Atingidos por Barragens: São Paulo, ago. 2013.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos915/educacao-campo-politicas/educacao-campo-politicas.shtml>>. Acesso em: 30 maio 2011.

PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

SCALABRIN, Leandro Gaspar et al. **Comissão Especial “Atingidos por Barragens”** - Resoluções nºs 26/06, 31/06, 01/07, 02/07, 05/07: Relatório Final. Brasília: Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, 2010.

SEMINOTTI, Jonas José. O movimento dos atingidos por barragens no norte do RS – 1979-2007. In: TEDESCO, João Carlos; CARINI, Joel João (Org.). **Conflitos Agrários no Norte Gaúcho, 1980-2008**. v. 1. Porto Alegre, 2008, p. 128-153.

SHULGIN, Viktor Niholae Vich. **Rumo ao politecnismo**: artigos e conferências. 1. ed. 1. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SOLANO, Mariana. **MAB e suas ações**. Florianópolis: Colégio de Aplicação — CED/UFSC, 19 out. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@pesnaestrada/mab-e-suas-a%C3%A7%C3%B5es-21789e4ef2cd>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

VIANA, Raquel de Mattos. **Grandes barragens, impactos e reparações: um estudo de caso sobre a barragem de Itá**. UFRJ: Rio de Janeiro, 2003.

TORRES, Rosa Maria. É necessário revolver a terra para planar a semente. IN: TORRES, Rosa Maria. **Itinerário pela educação latino-americana**: caderno de viagem. Porto Alegre: Artmed, 2001.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL CAMPUS ERECHIM****CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA
NATUREZA****Roteiro questionário de entrevista - semiestruturada.**

Nome:

Idade:

Qual a formação profissional?

Em que ano se formou?

Onde estudou?

Trabalha em escola?

Local:

Comunidade/povoado:

Município:

Estado:

Sim () não ()

Se não, por que parou?

Gostava de trabalhar escola?

Como era o dia-dia na escola?

Estudos:

A integração:

Como eram os alunos? Quantos frequentavam as aulas, do campo e da cidade?

Existia horta, produção de alimentos?

A comunidade participava? E a questão social/desigualdade existia?

Quantas famílias moravam na comunidade? Média de pessoas por família.

Em que ano começou a especulação para construção da barragem?

Como a empresa responsável tratava as questões sociais, realocação das famílias e comunidade?

Como as famílias viviam na época e como elas vivem hoje - tem este conhecimento?

Que mudanças houveram em relação à escolarização das crianças e adolescentes com o fechamento da escola?

Como avalia essas mudanças, seja para a formação desses estudantes ou para as famílias que mantinham ali uma cultura, uma identidade de campo, valores?

Sabe se a escola que as crianças frequentam discute a temática?

Quanto à pertença à luta por barragens, as novas gerações compreendem e aderem à luta?

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

BARRAGEM DE ITÁ: OS IMPACTOS SOCIAIS E O FECHAMENTO ESCOLA

Prezada participante, você está sendo convidada a participar da pesquisa. Barragem de Itá: os impactos sociais e o fechamento escola.

Desenvolvida por Otavio Kolcheski, discente do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Licenciatura - Ciências da Natureza, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Erechim, sob orientação da professora Solange Todero Von Onçay.

O objetivo central do estudo é: Compreender os impactos que a construção da barragem de Itá trouxe na população atingida, em relação ao fechamento da escola local.

O convite a sua participação se deve à rompimento dos laços de convivência na comunidade, afetada pela barragem Ita, que ocasionou o fechamento dá escola.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizada de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-la será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Essa pesquisa poderá apresentar risco de constrangimento e desconforto no seu desenvolvimento. Para amenizar estes riscos os participantes poderão desistir da pesquisa a qualquer momento bem como o pesquisador explicara de maneira

clara os objetivos e procedimentos, bem como os participantes poderão desistir da pesquisa a qualquer momento. Caso os riscos identificados venham a se concretizar a pesquisa será interrompida e será agendada nova data.

A sua participação consistirá em responder roteiro da entrevista. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 45 minutos.

A entrevista será gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo gravação Não autorizo gravação

Autorizará uso das imagens:

Autorizo imagens Não autorizo as imagens

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de contribuir com a comunidade no resgate da história.

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador.

Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via.

Desde já agradecemos sua participação!

Erechim, 01 de setembro de 2018.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação e concordo em participar.

Nome completo da participante:

Assinatura:

Os pesquisadores abaixo assinados se comprometem a tornar os cuidados e a respeitar as condições estipuladas neste termo.

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Contato profissional com a pesquisadora responsável:

Tel: 54 – 33217051

E-mail: solange.oncay@uffs.edu.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, RS
135- 200-Zona Rural- Erechim - RS CEP 99700-000

Assinatura do Assistente Responsável

Contato profissional com o pesquisador responsável:

Tel.: 54 – 3321-7051

E-mail: otaviokrs@hotmail.com.

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, RS
135- 200-Zona Rural- Erechim - RS CEP 99700-000